



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

DOMINGO
24
Março - 1957
N.º 1304
Ano XXV Séc. VIII
(AVENÇADO)
Visado pela C. de Censura

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 — ESPINHO
TELEFONES: 113 (Por chamada) e 187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administrador: **M. BRAGA DIAS**
Comp. e Imp. na TIP. ESPINHENSE - Rua 14 - ESPINHO - Telef. 187

DISSE um filósofo que o Génio é força da Natureza, querendo significar que a potência do homem de génio se desencadeia e actua através de todos os obstáculos.

Mas, eu não sei se a força está no génio, se na vocação. Vou mais pela vocação. Pode ter-se vocação com génio, com talento ou, simplesmente, com inteligência, mas a força está na vocação. As faculdades postas ao serviço da vocação pelo homem vulgar são as mesmas que as manifestadas pelo homem de génio, com a diferença de que um, como vulgar, realiza por forma vulgar, e o outro, como génio, realiza por forma superior. Por isso outro grande homem afirmou que o génio é constituído por grande soma de trabalho e diminuta parcela de inspiração. Sublimava ele o trabalho, e este não é mais que resultado de forças actuando sob o império da vocação.

Quando se fala em «violino de Ingres» pretende-se aludir à indomável tendência de cada um para se realizar conforme a sua vocação. Conheci um professor do magistério primário, já no gozo da reforma, que me confessava:

— Fiz-me professor porque meus pais assim o quiseram e sempre fui professor, porque precisava de ganhar a minha vida; mas, na realidade, em toda a minha já longa existência, uma única actividade me deu gosto: o trabalho mecânico.

O Homem e a sua Obra

REBELO BONITO

E acrescentava:

— A primeira vez que me vi em frente de uma colecção de instrumentos do ofício, tinha pouco mais de doze anos. Estavam numa vitrina. Não se me desprezaram os olhos dali. Naquele dia, passei e tornei a passar muitas vezes na mesma rua, só para os ver. Mais tarde, fui senhor de um torno e motor, comprei variadíssimas peças de ferramenta e consegui realizar o capricho de construir uma locomotiva em miniatura, provida de todos os seus órgãos rigorosamente calibrados e à escala. E foi nessa oficina criada para o meu prazer, que eu passei as horas mais felizes da minha vida.

Foi a vocação que transformou um pedagogo num artífice e lhe deu a persistência no querer e a força de vontade no trabalhar, para levar a efeito, através de todos os sacrifícios materiais, uma obra magnífica que, todavia, ninguém solicitara e que ele, aliás, não venderia por preço algum. Mas ela dera-lhe os arruamentos do «violino de Ingres», e era tudo.

Como nos trabalhos manuais, assim nos trabalhos intelectuais e artísticos — sempre a vocação é e será uma força da Natureza, e o ser dotado dela acabará por se realizar mais tarde ou mais cedo, com brilho maior ou menor, conforme as variadas circunstâncias que rodeiam cada caso e também de acordo com o maior ou menor grau de faculdades psico-fisiológicas de cada um.

Vinte e cinco anos de vida para um jornal, pequeno ou grande que seja, poderá não surpreender em absoluto, dado que os há com 50 e até com 100, mas se essa vida tiver sido levada por um só homem através de prejuízos e sacrifícios, de malevolências e incompreensões, ah!, então creiam, meus senhores, que se trata de uma grande, uma autêntica vocação de jornalista. Deixêmo-lo tocar o seu «violino» e simplesmente desejemos que a força da Natureza assim desencadeada seja ainda por largos anos uma força dedicada a uma terra que todos queremos cada vez maior e mais bela.

VINTE e cinco anos de jornalismo ao serviço de uma causa nóbrega e na defesa dos interesses públicos de uma localidade, significam a realização de uma obra grandiosa cujo esforço, infelizmente, é inapreciável aos olhos do grande público, precisamente porque essa obra não tem grandeza de aspecto físico nem volumes materiais.

Um quarto de século é uma síncope de tempo perante a eternidade, mas na vida do homem representa a «medida útil» de uma geração e, em jornalismo, uma verdadeira maratona do pensamento, uma dura batalha das idéias e um longo caminho durante o qual é raro ver o rosiclér das alvoradas mas comum o espectáculo das noites procelosas.

O CAMINHO PERCORRIDO

DANIEL CONSTANT

Isto, bem entendido, quando se trata de jornalismo de combate, que é, de resto, o verdadeiro jornalismo, porque o outro, o «acomodatício», tem o caminho juncado de flores e são radiosos os seus dias, mas, no seu rastro, em vez de uma obra construtiva, fica apenas a lama das louvaminhas, sem qualquer utilidade, porque representa o elogio quase sempre imerecido.

São estes cinco lustros e esta obra da «Defesa de Espinho», digna sob qualquer título, que hoje devem ser comemorados por todos os espinhenses devotados ao seu torrão. Bordar considerações e fazer referências, embora justíssimas, acerca do homem cujo espírito e dedicação têm sido colocados na primeira linha de batalha de um jornalismo puramente regionalista e desassombrado, seria atitude contraditória da forma como interpretamos a causa jornalística.

Acima de nomes e de esforços pessoais, sobrenadam os factos e as realizações. Falar aqui de um homem e de um Amigo, seria condicionar e restringir 25 anos de bom jornalismo a uma acção pessoal. As obras ficam, os homens passam, conquanto se lhes honre e recorde a memória. Por isso a obra erguida pela «Defesa de Espinho», órgão regionalista, é a que na verdade interessa e merece a nossa admiração.

Por dever de ofício podemos pronunciar-nos à vontade sobre a valorosa mas árdua tarefa da chamada «pequena Imprensa» ou «Imprensa regionalista», na qual «Defesa de Espinho» enfileira com galões de capitão. Durante estes vinte e cinco anos temos acompanhado a sua luta em prol de «um Espinho melhor», e recordamos todas as suas campanhas bairristas, os dissabores sofridos pela proclamação da verdade, o ambiente inamistoso criado à volta das suas críticas desempoeiradas, mas temos também presente as horas jubilosas do sucesso, os momentos da vitória e a satisfação do dever cumprido.

Admiramos ainda em «Defesa de Espinho» a sua tenacidade inquebrantável e a sua firmeza de pontos de vista num meio extremamente difícil, como é Espinho, porque tem personalidade nos seus créditos e não abdica facilmente das suas opiniões.

(Continua na 8.ª página)

FOI em Março de 1932. Desde então tem sido uma primavera perene. — Primavera de Bairrismo, de tenacidade, de esforço intelectual, de dedicação.

«Mar de rosas», nem sempre, esta Primavera de «Defesa de Espinho». — Por vezes, em plena Primavera, também tem havido vento fustigante, rajadas, até, de tempestade. — Ventanias de malquerença, fustigadelas de raivas e de ódios, tufões de incompreensão e de injustiças.

A todas estas investidas está sujeito um órgão de imprensa; todavia, «Defesa de Espinho» a elas tem resistido sempre...

...Espiritualmente é uma Primavera permanente, esta do Jornal da Terra Vareira.

Primavera onde abrem, à luz do Sol do Intelecto, as flores da Poesia, do recorte literário, dos conselhos amigos, dos alvitres generosos, dos registos elegantes e agradáveis, e até as «flores» tristes — se é que há flores que nos entristecem! — das notícias negras de quem parte para não mais voltar, partida, afinal, para uma vida melhor, para a Morada que a todos nos espera, Residência definida que todo o crente anseia e quer.

Primavera. Céu Azul. Mar sereníssimo, salpicado de verde-esperança, poente violáceo e oiro, delicioso, dominante. — O olhar perde-se no horizonte sem fim. Sabe melhor contem-

VINTE E CINCO PRIMAVERAS A BEM DE ESPINHO, A BEM DA NAÇÃO

HILDEBRANDO DE VASCONCELOS

plar o grande mar neste período primaveril que se enceta. Uma atmosfera de sonho envolve este recanto litoral. Sente-se mais enrijecidos os nervos, mais forte o espírito. Todo o ser ama mais e melhor. — E que infinitude de afeições, que bem-quereres sem conta!...



Avenida 8 — Sala de visitas de Espinho

...Um quarto de século à frente de um periódico — representa muito amor à terra espinhense, paixão, esforço hercúleo de durantes mil e trezentas semanas «fazer um jornal», o que quer dizer mil e uma quebras de cabeça, mil e uma arrelhas, que nada neste mundo compensam, a não ser o sentir-se a satisfação do dever cumprido, dentro da missão a que um dirigente de um Jornal a si mesmo impõe. Vinte e cinco anos já é uma idade assaz madura para um hebdomadário. — Os filhos de Espinho, por nascimento ou pelo coração, querem, pois, muito, ao seu Jornal, posto que ele é o insigne «Cavaleiro Andante» que se bate, denodadamente, pela Amada Soberana Espinho, da Costa Verde, cheia de graça, donaíre, de simpatia, de hospitalidade, de poder atractivo.

Bem haja Benjamim da Costa Dias, que soube, através de todas as críticas, de todos os dissabores e de todas as vicissitudes (Continua na 2.ª página)

Bodas de Prata

Bodas de Prata... Há festa na DEFESA!...
—Que honrosa marcha fez o JORNALSINHO!—
Teve horas más, teve horas de incerteza,
Mas com que aprumo andou o seu caminho!...

Nestes vinte e cinco anos, sempre acesa
Manteve a chama viva do carinho
Por sua dama!... À antiga portuguesa,
Lutou com alma a defender Espinho!...

E o que são e o que dizem estas Bodas?
—Que foram ganhas as jornadas todas
Com uma galhardia encantadora!...

—E se o Passado é o espelho do Futuro,
Que o JORNALSINHO vai marchar, seguro,
Com o bairrismo da primeira hora!...

João da Beira Mar

O meu ardente voto

A celebração de um 25.º aniversário é, na vida dos homens e das instituições, um facto assinalável. Mas, quando isso se passa com um semanário regionalista, merece realce mais vultuoso, dadas as circunstâncias desfavoráveis em que esses paladinos do regionalismo se têm de debater, e que, na generalidade dos casos, os forçam a uma existência efémera. A excepção que, neste último aspecto, nos oferece a «Defesa de Espinho», é altamente honrosa para o seu director e colaboradores, e mesmo para todo o Concelho.

E' justo começar por dizer que os créditos alcançados por esta publicação—a única do género em Espinho—não se firmaram em razões fortuitas do favor dos homens, da política, ou de grupos sociais. São créditos fundamentados na vontade resolvida do seu director e na sua impecável linha de conduta. São também o resultado de uma persistente luta em prol dos legítimos interesses gerais de Espinho, mantida a todo o momento e contra quem quer que seja, alto ou baixo, vermelho ou branco. Por isso, vimos a «Defesa» ocupar sempre a vanguarda dos fautores das grandes aspirações do Concelho, martelando a doutrina, em que todos concordamos, da progressão moral e material da nossa terra. E assim citemos apenas, a título de exemplo, a campanha das obras de defesa marítima, de uma magnitude transcendente para sobrevivência da praia, a da construção do Hospital, e a da criação da Escola Técnica. Em todas as iniciativas para o bem comum, aí temos este bravo semanário propugnando, sem esmorecimentos nem tergiversações, a sua plena concretização.

Este aspecto da intemerata defesa dos valores e realizações concelhias levar-me-ia a render, neste momento, a minha sincera homenagem ao seu director e colaboradores, mesmo que outros motivos não houvesse susceptíveis de me levarem a estimá-los. Mas, na realidade, existem outros motivos, e um que especialmente vou frisar.

São assaz conhecidos os meus ideais políticos. Nunca os escondi. Em tudo o que diga ou escreva, dificilmente se ocultará um traço denunciando algo que se vive extremamente. Pois bem. A Direcção deste jornal não tem precisamente os mesmos ideais. Concebe a superior administração da coisa pública de um modo diferente do meu. No entanto,—e aqui está uma das razões da minha presente homenagem—sempre que me patenteou as colunas do seu jornal, nunca fez o mínimo reparo aos meus pontos de vista. Tão fraterna compreensão humana constitui uma rara virtude cívica, que eu não poderia calar.

Talvez por isso, ou ainda por ter sido aqui que iniciei a minha palestra jornalística, quando aos 16 anos misturava à prosa dos meus devaneios colegiais a tarefa de correspondente de Paramos, em que me encantara por vezo das letras e amor da minha terra—talvez por tudo isto, repito, é que todos os domingos pela manhã, nesta absorvente e cansativa Lisboa, a primeira leitura que faço, com avidez e emoção, é a da «Defesa de Espinho». Leio-o de ponta a ponta: os fundos, os locais, os aniversários, as musas, e até os anúncios.

Claro que há secções que me prendem mais fortemente. Os «relâmpagos» de Deudas levam-me, por vezes, ao gosto de saborear uma segunda leitura. O mesmo com as crónicas de Alves Dias. Algumas poesias, de irrecusável beleza e realismo íntimo, tenho-as recortado para a minha antologia. Anoto, para o que der e vier, as resoluções gerais, camarárias, clubistas e congéneres. Mas há, no meio destes importantes assuntos, duas secções (a das notícias pessoais, e a crónica das aldeias), que me sensibilizam sobre o modo, porque lendo-as, vou matando as saudades da minha terra e inteirando-me do dia a dia dos meus pátrios.

Com estes pressupostos tão íntimos, como poderia ficar indiferente à celebração deste memorável aniversário? Na qualidade de munícipe de Espinho, que reconhece imprescindível a actuação deste jornal, para a consumação dos altos destinos do Concelho, associo-me à festa que ora se celebra. E mais me associo ainda, pelo que o jornal representa de elo de ligação afectiva entre os que, felizes, conseguiram continuar a haurir os ares pátrios, e aqueles que, levados pela sua sina, contemplam longe outras estrelas, embora ansiosos de a todo o tempo irem contemplar as que transluziram nos dias da sua mocidade.

Mensagem semanal de entusiasmo bairrista, núncio dos surtos vitais da grei espinhense, eco dos sucessos e azares do povo nosso irmão, a «Defesa de Espinho» criou o direito ao desejo unânime de todos nós de que a sua vida se prolongue e se revigorize em préstimo e beleza.

Miguel Pinto de Menezes

25 ANOS DE LABOR INCESSANTE

Ào comemorar as suas «Bodas de Prata»—«Defesa de Espinho» continua animado do mesmo espírito de luta e da mesma fé nos grandes destinos deste formoso torrão à beira-mar situado, que tem caracterizado a sua actuação desde que saiu à luz da publicidade!

Vinte e cinco anos de vida, bem vivida

Presentemente o Mundo é um caleidoscópio e as lentes por onde se podem ver os diversos panoramas, são os jornais diários, que com suas grandes parangónas, quotidianamente nos mostram aspectos novos do viver perturbado desta pobre humanidade.

Guerras, revoltas e tumultos, surgindo como focos epidémicos, por toda a parte. Há um desassossego geral e um temor do dia de amanhã, como nunca o homem sofreu na sua longa caminhada através dos cataclismos da história.

No meio destes panoramas desoladores, o melhor elogio que posso fazer ao pequeno grande jornal que é a «Defesa de Espinho», é prestar homenagem à imperturbabilidade com que tem seguido o seu caminho, ao longo destes vinte e cinco anos, dos mais angustiosos que a humanidade tem sofrido.

Por detrás da «Defesa», como numa trincheira, atento a todos os pormenores da actuação da equipa colaboradora, está o seu director—Benjamim Dias—, procurando levar o barco através das águas revoltas que se lhe deparam, volta e meia, e tem-no sabido conduzir com perícia.

Dias de mar bom, de «mar chão», como dizem os nossos vareiros, são poucos, e estou certo que entre esses dias bons, o director da «Defesa de Espinho», incluirá os destes aniversários, em que os seus colaboradores e amigos lhe vêm dar um abraço, como testemunho de compreensão e amizade, como eu mais uma vez o faço, gostosamente.

Lisboa, Março de 1957

António Alves Dias

As Bodas de Prata do «DEFESA DE ESPINHO»

serão comemoradas em 2 números especiais

Não havendo possibilidade de se compôr a tempo todos os originais que nos foram entregues durante a semana finda, destinados ao presente número, resolvemos em vez de um, publicar dois números comemorativos das Bodas de Prata da «Defesa de Espinho», assinalando o número de hoje, o 25.º aniversário, e o número seguinte a entrada no 26.º ano de publicação.

Celebrando intimamente o acontecimento, terá lugar hoje, pelas 17,15 horas, uma reunião de confraternização entre a Direcção, redactores e colaboradores do jornal.

Outros actos comemorativos estão em projecto. E as comemorações das «Bodas de Prata» da «Defesa» terminarão com a festa da eleição das Rainhas da Praia de Espinho e da Costa Verde—festa que há dois anos se não realiza—em data ainda não fixada, também.

Vinte e Cinco Primaveras A Bem de Espinho, A Bem da Nação

(Continuação da 1.ª página)

situações, aguentar, com orientação boa e sã, esta apreciável Tribuna Regionalista, a todos os títulos querida e indispensável.

Honra à Grande Família de «Defesa de Espinho»—e é ela constituída pelos seus redactores, colaboradores, assinantes, leitores, anunciantes, simpatizantes e amigos—que têm engrandecido tão elevada causa, como é a de apoiar a obra de progresso e de ventura deste encantador torrão.

Que Deus continue a abençoar e a ajudar o Bom Timoneiro desta gentil e aliciante embarcação, são os votos, evidentemente, de todo o espinhense que se preza, a fim de que sejam levados a bom termo (às «Bodas de Ouro», porque não?) os seus desígnios, a bem da Grei de Espinho, que o mesmo é dizer, também, a bem da Nação.

Bodas de Prata

Duas palavras cheias de poesia...
Duas palavras que já dizem tudo,
muitíssimo melhor do que eu diria...

—Que fale quem quiser. Eu fico mudo.

... .. Bodas de prata...

Entre o desgaste, os danos e os escombros
que o Tempo provocou,—surge uma data
perante a qual eu não encolho os ombros.

Num mixto de tristeza e de alegria,
meu coração saltita em ar de festa.
Sufoca-me este sol de romaria...

Data invulgar! Data bem linda é esta
que me faz recordar a mocidade...
ver horizontes largos e dispersos...
sentir-me enamorado dos meus versos...

—nos longes da Distância e da Saudade!

... E, mudo e pensativo, eu lembro ainda,
nas sombras de uma intensa claridade,
quanta dedicação! e, sobretudo,
quanta fé! sempre acesa, e viva, e infinda,
fizeram o milagre desta data!...

Nada quero dizer. Nada vos digo.
Bodas de prata!... Sim!—Bodas de Prata!
Duas palavras que já dizem tudo.

—Um pensamento e o meu abraço amigo.

—Que fale quem quiser. Eu fico mudo.

Porto, Março, 1957.

(MARIO VICTOR)

Moiracivort



António Trindade

prestigioso comerciante e presidente da Direcção da antiga Associação Comercial e Industrial de Espinho—o único membro do antigo Grupo dos Amigos da «Defesa» que já não pertence ao número dos vivos e para quem vai a nossa saudade.

E' já na próxima sexta-feira, dia 29 que se realiza o GRANDE SARAU do Grupo Coreográfico de Espinho

Poucos dias faltam já para satisfazer a ansiedade e interesse que a apresentação do Grupo Coreográfico de Espinho está despertando no seio da Sociedade Espinhense.

O Grande Sarau de Arte terá lugar na próxima sexta-feira, dia 29 do corrente, com início às 21,30 horas, no elegante Salão Nobre da Piscina-Solário Atlântico, que para esse efeito foi dividido em várias categorias de lugares, conforme já anunciamos.

Tudo leva a crer que a ansiedade e expectativa com que a Sociedade Espinhense aguarda este sarau, não se transformará em decepção perante a realidade, não obstante tratar-se de amadores de ambos os sexos que na sua maioria nunca se exibiram e que não tiveram pré-preparação para as lides coreográficas, o que tanto facilitaria o desenvolvimento físico necessário para poderem interpretar, além de músicas do folclore nacional, sobretudo do inspiradíssimo Fausto Neves, obras de consagrados autores estrangeiros, de bem difícil interpretação.

O resultado que o público vai apreciar não se consegue facilmente, não se conseguiria mesmo, sem grande soma de esforços, sem algum espírito de sacrifício por parte de quem dirige o Grupo e dos seus colaboradores e intérpretes.

O Grupo Coreográfico de Espinho é constituído, presentemente, pelas gentis senhorinhas e meninas: Maria Emília Romão, Liliã da Silva Vilares, Zita da Silva Vilares, Alice Coelho de Oliveira, Maria Manuela da Silva Rodrigues, Joaquina Teresa Ferreira Maia, Maria Teresa Pinto Ferreira, e Irene Gomes de Sousa; e os seguintes rapazes:—Marçal Ferreira Pinto Cardoso, Manuel António da Silva Ribeiro, Oscar Ribeiro, Manuel Miranda Moreira, Fernando Ribeiro, Artur António Monteiro, Fernando Quintas da Silva, Joaquim Amorim, Rogério Ferreira Ribeiro, Gabriel Vitor Gil e N. N.

A parte literária, da autoria de Carlos de Moraes, será interpretada pela gentil académica e declamadora Maria Alice Pelxoto e pelo esperançoso poeta Domingos de Oliveira.

O vistoso guarda-roupa que o Grupo Coreográfico vai envolver é, em parte cedido, e para alguns números foi confeccionado especialmente.

A orquestra, é dirigida pelo distinto pianista Cassiano Marques com a colaboração do conjunto «Atlântico» de que fazem parte além daquele, os artistas José Macedo, Augusto Soares, Marcelino Silva e Fernando Vieira.

Os bilhetes, a partir de amanhã, encontram-se na Ourivesaria e Relojoaria Confiança (1.ª Plateia, Tribuna e Balcão), e as restantes categorias, na Tabacaria Romeu, à Rua 19.

Colégio de NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

PARA MENINAS

INTERNAS, SEMI-INTERNAS E EXTERNAS

Avenida 24 ESPINHO Telefone 303

JULIA

CONFEITARIA, MERCEARIA FINA E FRUTAS.

Especialidades diversas e Regionais - Depósito dos Vinhos da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, dos Biscoitos Paupério e da Água da Terra Nova

Júlia Barbosa Lourenço

Gerência de João Lourenço Rua 19, 204 Telef. 304 ESPINHO

Colégio de S. LUIS

PRAIA DE ESPINHO Telefone 60

Internato e Externato para Rapazes Externato - 3.º ciclo - para Meninas

Ensino Liceal: 1.º e 2.º ciclos - para Rapazes. 3.º ciclo, 6.º e 7.º de Letras e Ciências - para Meninas e Rapazes (Curso Mixto).

Ensino Técnico: Ciclo Preparatório (Industrial e Comercial), Curso Geral do Comércio.

Instrução Primária e Admissão aos Liceus e Escolas Comerciais

Cervejaria e Restaurante

AQUÁRIO

Manuel Rodrigues Mourinho

Rua 19 n.º 28 - Telefone 377

Almoços e Jantares - mariscos, conservas e cervejas ao copo

Ao «Pont Chic»

Angulo das Ruas 8 e 10

Casa Tavares

Rua 52 - Passelo Alegre

DE ELIAS P.º TAVARES

Pastelaria e mercearia fina fambre presunto, paio e queijo das melhores procedências

Bebidas finas e diversas especialidades

Confeitaria SAMEIRINHO

Especialidade em Bolos, Doces regionais fabricados na mesma confeitaria.

SALA DE CHÁ Serviço de café, chocolate e cacau

Manuel Augusto de Castro

Rua 19 n.º 198 - Telef. 483 ESPINHO

Padaria Ferreira

M. Nunes da Silva & C.º

Pão de todas as qualidades fabricado pelos processos técnicos e higiénicos mais modernos

Especialidade em pão com fermento natural todos os dias as deliciosas «Vienas d'Austria» Sede: Rua 19 N.º 245 - Filial: Rua 62, N.º 691 ESPINHO

Padaria Central Sociedade Industrial de Padarias de Espinho, L.º

Especialidade em pão sem fermento artificial - pão sistema espanhol tosta azeda e biscoito tipo «Valongo». Fabrico esmerado pelos mais modernos e higiénicos processos. A padaria mais higiénica de Espinho. As melhores instalações no género no norte do País.

Angulo das Ruas 14 e 23 - Telef. 135

PADARIA PEROLA DE ESPINHO MECANICA

de FARIA & IRMÃO Especialidade em pão sem fermento artificial, pão francês de luxo, bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos maquinismos. A higiénica é a divisa da Padaria «PEROLA». - Entrada livre. Rua 16 N.º 281. Telef. no. 84 * ESPINHO

Padaria e Confeitaria «MODELAR»

A Casa mais elegante de Espinho neste género MATOS & IRMÃO RUA 18, 958, 957 - Telefone 127 - ESPINHO Esmerada Fabricação de Pão de todas as qualidades, Vianinhas D'Austria e as afamadas «Marasquinhas». Secção de pastelaria, o melhor e mais variado fabrico de pastéis, Completo sortido de doces finos e biscoitos para chá; Pão de 16, Fogacas e Caladinhos. ASSEIO E HIGIENE, é a divisa desta Casa. DISTRIBUIÇÃO AO DOMICÍLIO. Filiais em Estarreja e Paços de Brandão

Padaria Primorosa

DE AFONSO FERREIRA GAIO PAO DE TRIGO E DE MILHO Especialidade em fabrico de pão de milho, ESMERO E ASSEIO Rua 14 - 863 ESPINHO Tel. 169

CADINHA & COUTO

Mercearia, cereais, azeites

ARMAZENISTAS

Armaens e escritório: Angulo das Ruas 18 e 25 TELEFONE, 53 ESPINHO

Armazém de Mercearia, azeites, farinhas e cereais

Mário Fortuna Couto

DEPÓSITO DE Açúcar, Toncinho e Gordura TELEFONE, 308 - ESPINHO Rua 9 n.º 433 a 447 - ESPINHO

Louçaria Guerreiro

-(FERREIRA & COUTO)- ARTIGOS DE NOVIDADE Porcelanas, Fajanças, Vidros Cristais, Biliotas, Garrafas, Estatuária Artística, Cofres, Fogões, Gamas, Lavatórios, Talheres, Bistais, Ferras de engomar, Ganchos eléctricos. Rua 18 n.º 388 Telefones 185 (Fogão no edifício do antigo Teatro Alliance) ESPINHO

Quintas, Faria & Bernardes, L.º

ARMAZENISTA DE MERCEARIAS, CEREAIS E GORDURAS Agente em Espinho da Companhia Produtora de Malte e Cerveja Portuguesa Cerveja Pilsen Munich e Laranjada Portuguesa Angulo das Ruas 16 e 25 - Telef. 190 - Espinho

José Tavares d'Oliveira

CASA FUNDADA EM 1920 VINHOS DE PASTO TELEFONE, 62 RUA 16 N.º 1028 ESPINHO

HORVA

Fábrica de mobílias e objectos utilitários Vimes, juncos, mistos e palmito Rua 14 n.º 1244 a 1252 ESPINHO

HÉRCULES

Fábrica de artigos de Celuloide e Plásticos AFONSO HENRIQUES Apartado 40 - End. Tel. HÉRCULES Telefone, 144 - ESPINHO

M. P. MOREIRA

Telefone 81 - ESPINHO Fábrica de Guarda-sols Gabardines e Sobretudos Camuflý GRANDE MARCA Calçado de todas as qualidades, Chapéus de homem, Malinhas de Senhora, Luvas, etc. GRANDE SORTIDO

PENSÃO DO PORTO

Junto ao Teatro S. Pedro Telefone 391 - ESPINHO Pensão Restaurante LUSO - IMPÉRIO Junto ao Casino Telefone 294 - ESPINHO Proprietário: MANUEL VENTURA

Serração a vapor da Ponte de Anta

Ernesto Rodrigues de Castro & Filhos, L.º Soalhos, forros aparelhados, madeiras para a construção civil e caixotaria. TELEFONE, 67-E ESPINHO

A ELECTRO-CENTRAL DE ESPINHO

com stander de exposições na Rua 14 n.º 666 e estabelecimento de venda ao público na mesma Rua n.º 593 apresenta a V. Ex.º as melhores marcas em FOGÕES ELECTRICOS - CILINDROS FRIGORÍFICOS - IRRADIADORES - RÁDIOS TELEFUNKEN e GENERAL ELÉCTRIC - LOIÇAS próprias para fogões eléctricos, etc.

Casa PADRÃO

RUA 16 N.º 681 - TELEFONE 168 Materiais de construção civil - artigos sanitários. fogões a carvão e a lenha. Artigos para picheiro (bombas, torneiras e montagens de quartos de banho, etc. Agentes dos acreditados setores BOMBERLA e das banheiras esmaltadas BUREGA.

RÁDIOS PHILIPS

UMA MARCA QUE SE IMPÕE Dias & Irmão, L.º Os únicos agentes oficiais no concelho de Espinho VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

LUSO - CELULOIDE

DE Henriques & Irmão, L.º Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos TELEFONE, 70 S ESPINHO 2 APARTADO, 22 Bijuterias, Travessas, Travessões, Ganchos, Fentes, Oculos, Espelhos, Calçadeiras, Cartéiras para passos, Bolas, Bocas, Bonecos, Máquinas para barbear, etc

Estima, Valente & C.º

FÁBRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA Especialidade em caixas Apiladas para embalagem de fgo e maroadas Telef. 28 - Teleg. ESTIVALENTE - ESPINHO -

MOPE, L.º (Agência Informadora Comercial)

Proprietária do Boletim «GUIA DO CRÉDITO», A maior Organização estabelecida no País PORTO: R. Rodrigues Sampaio, 194 End. Tel. MOPE Telef. 28468 e 24655 LISBOA: Av. da Liberdade, 106 End. Tel. GUIATO Telef. 35419

VINHOS DE PASTO

Para o País e Exportação

PORTO Rua da Estação, 103 Telef. 51287

GAIA R. do Barão do Corvo, 401 - Tel. 3400

TORRES VEDRAS R. do Brigadeiro Miranda Palha, 3 a 7 Telefone 159

Fábrica de Vinagre e Aguardente Vinica União Vinícola Abastecedora, L.º



RÉGUA Rua dos Camilões, 142 Telef. 198

ESPINHO Avenida 24, n.º 245 Telefone 178

FOGÕES ELÉCTRICOS

«VULCANO» e «TÉRMICO» Simbolo de asseio e economia • Garantia e assistência técnica, da FÁBRICA PROGRESSO (Manuel Francisco da Silva & C.º Ld.º) ESPINHO Fabricantes de outros artigos tais como: Fogareiros, irradiadores, forros de engomar, etc. A' venda nos estabelecimentos locais: Louçaria Guerreiro - Rua 19 n.º 365 Rádio Luz - Rua 23 n.º 236 Rádio Eléctro Bobinagem - Rua 18 n.º 776 A. Viseu & C.º Ld.º - Rua 12 n.º 1243

Boaventura Martinho Andrade

Afinador e reparador de Planos, Orgãos e Harmónios Rua 31, n.º 439-A ESPINHO

EM ESPINHO

1.º Cromagem perfeita e a preços sem concorrência só na Metalúrgica da Granja, de Armando Teixeira da Silva Rua 33-694 Espinho

Marmoraria Artística «APL»

Adriano Pereira Lopes Oficina Mecânica Fundada em 1897 Execução de todos os trabalhos em Mármore, Escultura e Polimento Mecânico. AFINADOR DE PIANOS Rua 7 n.º 561 Telefone, 565 ESPINHO

Defesa de Espinho

TABELA DAS ASSINATURAS ANO SEM. Trim. Portugal Continent. 5000 2500 2500 Ilhas, Colónias Portug. e Espanha 6000 Remessa semanal mais 5000 Brasil 7000 Venezuela e outros Países american. 9000 PAGAMENTO ADIANTADO Para fora de Espinho não há assinaturas trimestral

MADDIRAO

DE Adriano Pereira dos Santos ARMAZEM Rua 62 N.º 234 COMÉRCIO GERAL DE MADDIRAO PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

PREFIRAM OS FOSFOROS DA FOSFORREIRA PORTUGUESA

Ciclo de Prata! Ciclo de Ouro!

Bodas de Prata, eis o que a «Defesa» festeja neste Intranquillo 1957. Vinte e cinco anos são passados após a saída do 1.º número do jornal que ostenta à entrada da sua primeira página as mágicas palavras de intemerato batrismo «Defesa de Espinho».

Neste quarto de século de existência quantos trabalhos, quantas amarguras, quantos desenganos, quanta tangência pelo desespero, mas, também, quanto bem estar por poder exclamar alto e bom som que todos esses trabalhos, amarguras, desenganos e desesperos os sofreu e suportou por amor à terra cujos interesses morais e espirituais, sociais e económicos prometeu defender.

«Defesa de Espinho» tem cumprido a promessa que o seu nome encerra e de maneira tão simpática que, volvidos 25 anos, se sente animada de indômita vontade para prosseguir, traçando sem desfaçamentos caminhos semelhantes aos que até aqui tem trilhado.

Com obstáculos embora, Defesa de Espinho atingiu uma idade que lhe dá motivo para maiores feltos, pois a experiência de 25 anos será uma ótima e respeitável mestra nos métodos o processo de agir.

De tudo focando um pouco, Defesa leva a muitos lares portugueses, aqui, no Ultramar e no estrangeiro, as notícias da terra querida que muitas vezes se deixa para aprender-se a ter-lhe mais amor, notícias que servirão de lenitivo às saudades que nunca esmorecem.

«Defesa de Espinho» deve sentir-se orgulhosa por poder afirmar, ao fim de 25 anos; sou e continuo a chamar-me Defesa de Espinho!...

E' possível que algumas vezes tenha desagradado devido ao tanto querer à sua delicada e gentil dama, mas isso só é prova de isenção e motivo para lhe ficarmos gratos. Um jornal nunca pode agradar a toda a gente. Rodopiam à sua volta tantos interesses que naturalíssimos se tornam alguns aborrecimentos, amos e devoluções até.

Cada interesse, moral, espiritual, material ou político desejaria ser tratado favoravelmente e esta a razão primordial porque se torna impossível: cair na graça de todos os assinantes e leitores.

Uma coisa é inegável: Defesa de Espinho nasceu para bem da terra que lhe deu o nome e isso tem feito nestes cinco lustros contados e vividos semana a semana sempre com a mesma fé inquebrantável e o mesmo desejo de acertar. O seu director, Benjamin Dias, qual incansável e cavalheiresco Magriço, não poupa esforços para tornar a Defesa cada vez mais apetecida, insuflando-lhe vitaminas capazes duma apresentação sempre jovem, digna e querida.

As Bodas de Prata foram alcançadas. As de ouro também se alcançarão, porque o lema seguido até aqui e que há de prosseguir—sempre na defesa de Espinho—é indicativo mais que suficiente para poder fazer-se tal afirmação.

Deus queira que nos vinte e cinco anos futuros Defesa de Espinho e seu corpo redactorial possam singrar sem grandes obstáculos e colher os saborosos frutos das sementes lançadas nas suas páginas durante os vinte e cinco anos passados.

Assim as Bodas de Ouro terão de brilhar intensamente e derramar luz, muita luz, até longe, muito longe...

São os desejos, com um abraço amigo, DEUDAS

Precisa-se

EMPREGADA DE ESCRITÓRIO

Que tenha alguns conhecimentos de contabilidade e saiba escrever à máquina. Se estiver empregada guarde-se sigilo. Carta à redacção a LID.

Precisa-se Empregado/a. Falar na Drogaria Andrade-Ruas 14 e 23 Espinho.

PONTO ABERTO

Máquina SINGER

ESTADO NOVA

VENDE-SE: — Vêr e tratar na Rua 18 n.º 968

REGISTO SOCIAL

Aniversários

FAZEM ANOS: Hoje, dia 24, as senhorinhas Maria Angelina da Veiga Ribeiro, filha do sr. Manuel Ribeiro, e Margarida Mata da S. Lopes, filha do sr. Adriano Pereira Lopes; a sra. D. Irene Fátima Amorim, esposa do sr. Hernani Fátima Amorim, esposa do sr. Manuel Alves G. da Costa, da Silvalde; a menina Maria Odete das Freitas Martins, filha do sr. Manuel da Silva Martins, ausente no Congo Balga, e o jovem Manuel Pinto da Rocha, filho do sr. Joaquim Pereira da Rocha;

— Amanhã, dia 25, as senhorinhas Maria da Anunciação Vieira de Sá, da Paramos, Angelina de Amorim Oliveira Rocha, e Maria da Glória de Sousa e Silva, ausente em África, e o sr. António Ribeiro;

— Em 26, a menina Rosa Margarida A. Pereira Resende, filha do sr. António Pereira Resende, de Lourosa, e os srs. José Pinto de Sá (Barreto) e Manuel da Sá Alves de Oliveira, filho do sr. António Alves da Oliveira Peixoto, ambos de Paramos;

— Em 27, a senhorinha Alice Mirandada de Oliveira, as sras. D. Olinda Faustino, D. Júlia Nunes da Silva, esposa do sr. Alvaro Montalto Mendes; D. Esmeraldina de Oliveira Quintas, esposa do sr. Manuel Silva Pardilhó, o sr. António Agostinho Lopes Mateus, da Granja, e o menino António José Caralinda, filho do sr. Francisco Valente Caralinda;

— Em 28, a sra. D. Maria Antónia A. Brito e Cunha, esposa do sr. Jorge Brito e Cunha, ausente em Sinto;

— Em 29, as meninas Ana Maria Marques Pinto, filha do sr. Leonel G. Pinto, de Viseu; Liana Fernanda Jesus Pereira, filha do sr. Alfredo de Jesus Pereira, e Maria Alice Gomes Matos Almeida, filha do sr. Joaquim Matos Almeida, os meninos António Machado Pais, filho do sr. Antero Joaquim Pais, e Sverto R. da Silva, filho do sr. António Francisco de Sá, de Silvalde, as sras. D. Maria Leopoldina Pinto Coelho, ausente no Porto; D. Maria Sá Reis, esposa do sr. Clemente Ferreira dos Reis, do Porto, D. Ester Tavares de Oliveira e o sr. António Alves da Cruz, de S. João da Madeira;

— em 30, a menina Rosa Vieira dos Santos Costa, de Paramos; a senhorinha Maria de Jesus Botelho Antunes da Moura, filha do sr. Alvaro Antunes da Moura, a sra. D. Maria de Lourdes Salvador R. Oliveira, esposa do sr. José Domingos de Oliveira, de Válega; a menina Rosa Vieira dos Santos Costa, de Paramos, o sr. Alcino Bastos Mata e o menino Humberto Pinto da Rocha, filho do sr. Joaquim Pereira da Rocha.

Nascimento

No dia 16, em Anta, teve o seu feliz sucesso dando à luz um interessante menino, a sr.ª D. Lucília Alves de Oliveira, esposa do sr. António Augusto Rodrigues da Silva Couto.

O recém-nascido é nato paterno do nosso estimado correspondente naquela freguesia, sr. Adelino Rodrigues da Silva e da sua esposa.

Aos pais e avós do recém-nascido, apresentamos sinceros parabéns e formulamos ardentes votos de boa sorte.

Doentes

Foi submetido no pretérito sábado, no Hospital da Ordem de S. Francisco, em Lisboa, a uma melindrosa intervenção cirúrgica, o apreciado artista tauromáquico espinhense sr. Joaquim Silva. A operação, devida ainda a uma colúbia em Evora em 1955 decorreu satisfatoriamente, tendo o enfermo, que se acha internado num quarto particular daquele hospital, experimentado algumas melhoras.

— Continua internado no Hospital da Santa Antónia, do Porto, o estimado médico local sr. dr. Manuel Vicente Pinto da Sousa.

— Aos doentes desejamos o mais breve e completo restabelecimento.

Precisa-se

Empregado de Mesa.

Café Cristal

A visita do Presidente Craveiro Lopes ao Brasil

Causou o maior júbilo entre os portugueses, a notícia da próxima visita do sr. Presidente da República Portuguesa à gloriosa Nação Irmã de Além-Atlântico—o Brasil, durante o mês de Junho.

A boa nova, que encheu de incontida satisfação a nobre e numerosa colónia portuguesa do Brasil, servirá à maravilha, para estreitar ainda mais, se é possível, os fortes laços de fraternidade que unem os povos português e brasileiro.

Portugal e o Brasil constituem um exemplo à parte no mundo.

Audições musicais

Em continuação das «Reuniões Musicais» do «Curso Musical Mário Neves», realizar-se-á, no dia 5 do mês vindouro, pelas 22 h., mais uma dessas reuniões, em que serão executadas obras de Bach, Harydn, Mozart, Mendelssohn, e alguns compositores modernos.

Alguns alunos da classe de piano, do «Curso Musical Mário Neves», far-se-ão ouvir, numa tarde dedicada aos colegas e Ex.mas Famílias, a realizar-se no próximo dia 30.

Comunicado

António Peixoto, procurador de seu filho Manuel Peixoto, faz saber ao público que não se responsabiliza pelas dívidas contraídas pela sua nora, Leopoldina da Silva Godinho.

Espinho, 18 de Março de 1957

ANTÓNIO PEIXOTO

(Segue-se o reconhecimento)

Necrologia

João Alves Gomes (Viano)

Faleceu no dia 10 do corrente, na freguesia de Silvalde, o sr. João Alves Gomes (Viano), antigo comerciante nesta Vila, de 64 anos, casado com a sra. D. Alzira do Céu Guimarães Gomes, pai da sra. D. Lucília Dias Gomes e do sr. Jaime Alves Gomes, ausente em Vila Peix y Moçambique, sogro do sr. Luis Marques Gomes e da sra. D. Ercília de Sá Couto Gomes e tio do sr. Manuel Ferreira d'Oliveira Pinto.

O funeral realizou-se no dia seguinte, sendo o ataúde transportado no pronto-socorro dos Bombeiros V. de Espinho da residência do extinto, à Igreja Matriz e sepultado no cemitério da freguesia, em jazigo de família.

Foram portadores da chave da urna e da toalha, respectivamente, os srs. Antenor Ferreira da Costa e Manuel Alves Gomes da Costa, primo do falecido.

Os serviços fúnebres estiveram a cargo da armadora D. Isaura de Sousa.

— A família enlutada apresentamos os nossos pésames.

Farmácias

DE SERVIÇO HOJE:

Farmácia Teixeira

3.ª feira — Farmácia Teixeira

8.ª » — Santos Suer.

4.ª » — Paiva

5.ª » — Higiene

6.ª » — G. Farmácia de Espinho

Sábado — Farmácia Teixeira

Agente de Vendas

Para produtos de salsicharia e charcuterie aceita grande Fábrica para esta região

Exige-se a máxima idoneidade e conhecimento do comércio local. Resposta com referências detelhadas, indicação das entidades que o possam abonar e da zona de trabalho em exclusivo que esteja interessado.

Actividade de grande volume de negócio.

BOAS CONDIÇÕES

Dirigir à Fábrica **JOVAL**

Apartado 21

CASTELO BRANCO

LUSO-CELULOIDE

Henriques & Irmão, L.da

Fábrica de artigos Plásticos

Injecção - Compressão - Extrusão - Metalização • • Vacuo e Soldagem por Alta frequência

TELEFONE 70

GRAMAS CELULOIDE

Apartado 22

ESPINHO

Fernando Carneiro

Máquinas e Moldes para a indústria de plásticos

Agente geral para Portugal e Ultramar das máquinas de injeção para plásticos de fabrico alemão KRAUSS

RUA 16 + TELEFONE 299

ESPINHO

Hércules

FÁBRICA DE ARTIGOS DE CELULOIDE E PLÁSTICOS

AFONSO HENRIQUES

Apartado 40 - End. Teleg. HÉRCULES

ESPINHO

Telefone, 144

Papeis de Embalagem, Sacos de Papel e Cartão

Antónia Marques

Agente para o Distrito de Aveiro da Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos



TELEF. Paços de Brandão: 50
LISBOA: 28790
AVINTES: 67
PORTO: 29893

Armazém em Lisboa: Rua do Duque, 13

Armazém no Porto: Rua Miguel Bombarda, 61

PAÇOS DE BRANDÃO

Apartado N.º 11



Fabricação LINO

FUNDADA EM 1900

RAUL BERGAMIN DE NORONHA

Distribuidor da autêntica CEVADA EGÍPTO em pacotes de 250 gramas (A melhor entre as melhores) Depositário das AGUAS VIMEIRO E CRUZEIRO

Rua 16 n.º 42 - Tel. 347

ESPINHO

FÁBRICA DE CONSERVAS "OCEANO"

Lopes da Cruz & C.ª, L. da

Ende. teleg. - OCEANIDES

Rua Brito e Cunha, 541 — MATOSINHOS

Telefone, 23 - Matosinhos

Conservas de:

SARDINHA

A TUM

ANCHOVAS

CAVALA

BRAMA RAYI

Marcas:

POKER

DOMINGA

HELIADES

EDITH

ANITA

Filiais em VILA DO CONDE e SETUBAL



Defesa de Espinho

Como Ramalho Ortigão descreveu a Praia de Espinho nas «Farpas»

«ESPINHO» — É de todas as praias a mais estimada por aqueles que a frequentam. Os banhistas de Espinho tornam-se todos, por este sítio, de uma exaltação patriótica, exclusiva e intransigente. Não admitem o paralelo da sua praia com qualquer outra, e consideram os que tomam banho noutras regiões do globo como adversários, quase como inimigos. Por mais de uma vez encontrei no caminho de ferro do Porto, dentro do mesmo compartimento, uma família de Espinho e uma família da Granja, e fiz então uma ideia do aspecto que deviam ter, postas cara a cara, a família Cappuletli e a família Montecchi. Os homens não se encaram. As senhoras não se examinam senão com um olhar oblíquo e de baixo para cima, desde o bico do pé até ao contorno do ombro. As próprias crianças de Espinho voltam as costas às crianças da Granja, e se estas lhes falam, metem o dedo no nariz, que é o gesto mais expressivo com que as crianças sorumbáticas costumam expressar a sua perfunctória incomunicabilidade e no silêncio.

A povoação de Espinho divide-se em dois bairros diferentes, separados pelo largo do mercado. Para o nascente, até à estação do caminho de ferro, fica o bairro novo e caro; para o poente, até à praia, achava-se o antigo bairro pobre!

Pequena povoação de pescadores do concelho da Feira, no distrito de Aveiro, Espinho deve ao caminho de ferro o seu aspecto actual.

As antigas barracas de madeira dos primitivos habitantes acham-se mascaradas para o lado da estrada pelas edificações burguesas que se alinham com uma certa grandiosidade burguesa nas duas principais ruas novas, a da Assembleia e a da Bandeira de Melo.

No velho bairro, as ruas estreitas e tortuosas, os antigos casebres embebedados que pedem em ruínas esparpadas, as saliências das varandas de pau, empenadas e barbigudas, a fogueira de pinho que está ardoendo no lar, as crianças semi nuas que saem à rua, as mantas ou as redes de pesca, penduradas das janelas ou estendidas a enxugar em duas varas, têm um cunho muito característico, de um pitoresco oriental.

Em poucas praias é tão animada como em Espinho a vida de clube, expressão que neste caso não tem o sentido inglês, segundo o qual o clube, criação democrática do fim do século passado, era uma reunião exclusivamente de homens. Em Espinho o clube é o ponto de reunião de todos os banhistas de ambos os sexos.

Muitas vezes sucede que uma jovem tocadora, viúva saudosa do seu plano de estudo, se apodera do instrumento do clube para repassar os seus exercícios. Se este abuso continuar é de crer que o número de banhistas diminuirá, porque todos os inconvenientes da vida de Espinho — a pobreza indígena, o amanho da sardinha, a aridez do solo — são menos pungentes que as estúpidas pianistas que vão às manhãs exercer sobre o piano do clube a sua aprendizagem feroz.

Debaixo das mãos persistentes e acintosas de uma celebridade que desponta, o piano converte-se num monstro.

O tigre rugiu, o lobo ulva, o mocho pia, a serpente assobia a rã coacha, o jumento zorra, — o piano serra!

Há uma calamidade social representada por um sujeito ignóbil chamado o troca-teclas. Há outra calamidade pior, representada nas salas pelo troca-teclas.

A antiga inquisição era o boi de que o troca-teclas é o extracto de carne. Ao contacto dos dedos protervos da fera, a mais inocente polka, a mais inofensiva fantasia, toma o carácter sinistro do bem conhecido suplício da gota de água, e começa a pingar em semi-colchetas compassadas ao cérebro da vítima, como um filtro peçonhento.

O troca-teclas insinua-se pela mansidão e pela modéstia, como um fio de azulete destinado a converter-se num fio de alfange. O troca-teclas começa por decair, com os olhos baixos, que pouco ou nada sabe. Com a mesma astúcia, com que a aranha tece a sua teia, o troca-teclas tem a sua família, e é do seio dela que, perante a modesta afirmação do troca-teclas, sai uma voz que replica:

— Não é tanto assim... A menina o mais que tem é acanhamento pela falta de uso de tocar diante de gente, mas estes senhores desculpem... Toque lá aquele bocado dos Dots Foscaris...

A menina então adianta-se para o instrumento do crime, meneando a cabeça com movimentos de cisne que voga na direcção do comedouro.

Oferece-lhe o braço um cavalheiro que a anima com palavras tónicas e lhe desenroscas a coragem e o pé do banco até à altura conveniente.

Ela descalça as luvas, que coloca ao lado da estante. A assembleia, silenciosa, escuta. Ela principia. Mas, como se enganou, torna a principiar, e engana-se outra vez, com a cínica diferença de que se engana melhor — com mais fogol Principia pela terceira vez e consegue finalmente enganar-se com uma perfeita maestria e bravura.

Depois do que, prossegue satisfeita e vitoriosa, atropelando as notas com uma justiça de mouro, fazendo pagar as teclas justas pelas teclas pecadoras, e acabando finalmente por provar que confundiu os Dots Foscaris, de Verdi, com os Dots Rensgados, do sr. Mendes Leal.

E assim nasce a opinião geral de que são quatro as prendas de uma menina: Bordar cães e araras de veludo com olhos de contas, fazer flores de papel e compota de pêssegos, marcar lenços com anagramas fantasistas e — não tocar piano.

Além do alfofre das pianistas, Espinho costuma ter um viveiro de poetas, bons rapazes, amantes da lua e da arte poética, os quais, não podendo escrever os Lusitadas por os acharem já escritos, entretem a musa desocupada com o banho do mar, com a recitação ao piano e com algumas chávenas de chá preto com leite, acompanhadas das competentes torradas.

A sociedade que concorre a Espinho é extremamente numerosa e variegada. Cem senhoras chegam a frequentar o clube. Compreende-se que estas senhoras não são todas princesas. Há mesmo algumas que são apenas as honestas esposas de algum mercador de Penafiel ou de algum cambista do Porto, ao passo que outras são, mais ou menos garantidamente, pessoas nobres e titulares. E todas elas se reúnem ao mesmo tempo, debaixo do mesmo tecto, sobre o mesmo pavimento, ao som dos mesmos «Lancelos».

As categorias, porém, reúnem-se, mas não se baralham, a não ser provisoriamente, nas figuras das quadrilhas. Acabada a contração, os grupos delimitam as suas fronteiras, descentralizam-se, e cada círculo fica tendo a sua existência própria, independente e autónoma.

Nos passeios à ponta da Canha e à estrada da Granja, nas digressões a Ovar, à Graciosa, à Borralha, à ria de Aveiro, os diferentes círculos concêntricos do clube desagregam-se passelam, conversam e divertem-se em separado.

Cada uma dessas tribos tem a sua organização especial, com os seus competentes personagens, em rivalidade com os das tribos adjacentes e limitrofes. Em cada tribo há uma pequena sociedade completa, uma roda, com o respectivo poeta, o pianista, o troca-teclas, os príncipes do voltarete, os pares dançantes, a menina bonita, a senhora espiritosa e o competente homem célebre. Quando cada um dos grupos assim divididos toma banho vai ao clube, passela, viaja, faz pique niques ou se recolhe a sua casa, leva consigo todo o seu pessoal.

De sorte que as impressões de cada indivíduo variam segundo a roda a que ele pertence e a tudo de que faz parte.

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Colaboração Feminina

Praias de Portugal

Espinho, classificada Rainha da Costa Verde, pode na verdade afirmar-se de tão honroso título. De extraordinárias belezas naturais, a encantadora praia de Espinho atrai e cativa facilmente todos aqueles que lhe dão a honra da sua visita.

Espinho, mostra nos mais pequenos pormenores, tanta graciosidade que, apesar de grandiosa na sua extensão, se torna pequena durante a época balnear, dada a excepcional concorrência de veraneantes.

Logo que a primavera com a suavidade dos seus dias faz a sua aparição, começa a grande sazafama. São as Pentecostes e Hotéis que recebem com cortesia os veraneantes vindos não só de todo o Império Português como também de vários países da Europa e da América do Sul; são as suas incomparáveis ruas que se enchem de filas intermináveis de automóveis, que mais fortificam o seu já grandioso aspecto; dos modernos e confortáveis estabelecimentos, repletos a qualquer hora, sem risos francos, frases amistosas e de magnífica disposição.

Espinho, além de todas as belezas naturais, possui vários motivos de atracção que prendem a admiração do visitante.

O Casino, tão conhecido pelo conforto das suas formosas instalações, proporciona divertimentos variados. Duas esplendidas casas de espectáculo, com seleccionados programas, merecem relevo especial.

A monumental Piscina Solário-Atlântico, instalada no melhor ponto da praia, considerada pelos entendidos como das melhores da Europa, convida o veraneante a recrear-se nas suas águas cristalinas.

Campos desportivos para a prática do futebol, basquetebol, voleibol, hóquei em campo, hóquei em patins, ténis e golf, satisfazem plenamente os mais exigentes. Dois clubes desportivos com nome gravado na história do desporto nacional, cuidam carinhosamente da preparação dos seus atletas.

Eligante no seu porte, majestosa na sua grandiosidade, ergue-se na parte central da vila, com toda a sua imponência, a Igreja paroquial que bons céptiles chefes pelo saudoso Abade Amaral, conseguiram edificar para honra e glória desta boa gente espinhense.

Dois bem organizadas Corporações de Bombeiros Voluntários, prestam relevantes serviços, socorrendo aqueles que necessitam do seu auxílio.

Há em todas as terras um local que é mais frequentado. Espinho não foge à regra.

Assim, a Avenida Oito, transformada no célebre «picadeiro» a qualquer hora se encontra repleta de assistência alegre e simpática. Nesta sumptuosa aréa encontram-se instalados excelentes e cómodos Cafés, onde se reúnem as melhores famílias. Em confortáveis cadeiras, dispostas no passeio em rigoroso alinhamento, os veraneantes passam grande parte do seu tempo, quer refrescando-se com sabrosos gelados ou outras bebidas, quer observando curiosamente o aglomerado de pessoas que, com regularidade acentuada, passeiam num cadenciado vai-vem. Deste modo, variando o «escénio» constantemente, dá ensejo a quem quer que o goze, horas da mais completa distração.

A «sacross metros», encontra-se localizada a tão conhecida e procurada praia, muito orgulhosa no seu extenso areal, banhado por águas dum verde cintilante que são o encanto dos adultos e crianças.

Mas a vida nesta encantadora praia, que serve de refúgio das preocupações de um ano de fadigas e cansaças, de modo algum se pode tornar monótona. Há sempre algo de novo. Assim, proporcionando um aumento considerável de movimento, realiza-se todas as segundas-feiras a imponentíssima Feira-Semana, uma das primeiras do norte. De grande extensão, nela encontramos tudo o que é necessário ao abastecimento do lar.

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

Próximo de Espinho, a poucos quilómetros, fica situado o tão conhecido Mosteiro de Grijó, onde se encontra sepultado em túmulo próprio, D. Sancho. Aqui veio procurar inspiração e com êxito completo, o consagrado escritor Júlio Dinis, para a sua conhecida obra «A Morgadilha dos Canaviais».

CUNTARELO VAREIRO

Ausência

(A João Augusto Esmeriz Vieira de Castro)

Ti-Jerónimo foi a figura de vareiro mais típica, mais acabada que conheci. Duma dureza de linhas fisionómicas que amedrontava à primeira vista, o seu olhar era no entanto penetrante e prescrutador como o da água e luminoso como o coriscar dum relâmpago. Nariz aquilino, maçãs do rosto salientes, lábios finos e expressivos no extremo dos quais pontificava uma ponta de cigarro requemada, fartos bigodes chamuscados e salpicados de fios de neve tal como os cabelos ainda fortes mas envelhecidos pelas câs, ombros largos, peito farto e bem desenhado, somente a pouca firmeza de pernas atraía para este velho de oitenta anos, cujo andar tinha um pouco de infantilidade menineira ou algo de bailado.

Há anos já que não ia ao mar. E, lentamente, a velhice fisiológica e a nostalgia do mar iam roendo de alto a baixo a trave hercúlea que tantas vezes havia joguetado a vida com o mar e sempre vencera.

Ainda agora, o velho pescador, mais uma vez se defrontava com o seu antigo adversário.

A pouco e pouco, o mar avançando sempre, roubando a terra num insaciável desejo, numa voracidade louca de monstro esfaimado, ia sepultando no abismo da sua goela hianite, casas em série, destruídas com desprezo aterrorador, como vingança gigantesca, os lares daqueles que curvados e fiéis ao seu destino, lhe iam roubar o seu sustento e o dos seus filhos.

A casa do Ti-Jerónimo ficava fronteira ao mar. E já por algumas vezes, na força da maré, o mar tamborilara os seus dentes, como que a palpar terreno, sobre as janelas do velho pardiello. Quando tal ouvia, uma palidez e um frémito de emoção, de impotência, o percorriam, o semblante cerrava-se-lhe e, arrastando-se até à janela, ficava ali hiroto, fascinado pelo poder das ondas, a contemplar o mar e a desafiar-lo. Um desafio melancólico, sereno, sem ódio mas dum firmeza terrível. Não me encontrarás maldito!

Nesses momentos, ninguém arreancava o velho pescador à onda de melancolia que o acometia. A sua vista de água parecia penetrar além do mundo e ver coisas, adivinhar desígnios, que para os outros ficariam impenetráveis.

Lentamente, como que ia acordando. Sui destes êxtases, risonho e feliz como se o mar não estivesse ali, vigilante, ameaçador, garra afiada, membro em tensão, à espera de poder lanhar a presa. É o nente monologava: — Não me encontrarás, maldito!

Amigos seus, velhos companheiros da «faina», em vão porfiavam convencê-lo a bater em retirada, cada qual desafiando-o com suas câs; mas o velho pescador, numa obstinação incompreensível, recusava-se. Apenas os seus olhos de menino pareciam ver mais longe e a sua voz meiga e risonha falava consigo: — Não me encontrarás, maldito!

Lá fora o vento passava sibilante pelas ruínas do bairro, num latido sinistro e pressago de temporal desfeito. Do sul, corriam como lebres em prado descoberto, nuvens de grossíssimas, algodões em rama espessos e carregados de chuva.

O céu dum chumbo-virgem e sem brilho, era o manto de tristeza a cobrir a desolação da paisagem.

O mar porfiava, brutalmente enfurecido, congestionado, rosnando não sei que vinganças remotas, parecia querer libertar-se do seu cativeiro perpétuo e espalhar-se como despojeio conquistador da terra.

Esmagadas pelo seu poder hercúleo, jaz am envoltas nos seus braços pesantes e desapaedados, uma dúzia de casas.

Restos do que fora um lar, onde se sofrera e sonhara, rira e chorara, criara e vivificara, andavam à deriva. E o mar não era mais o lago tranquilo das noites de verão, motivo dos poetas. Era antes um cemitério de coisas sepultadas vivas, numa extraordinária visão do caos e do caótico.

Ao cair da noite, no sude do seu fenomenal canibalismo, o mar viera de novo latear a casa do velho Ti-Jerónimo.

Ao mesmo tempo, subtilmente, ia minando os alicerces e abaindo a vaia para sepultar o cadáver da casa. Todavia, apesar do perigo real e evidente, e desafiando todos os rogos, Ti-Jerónimo permaneceu fiel às telhas que sempre o haviam abrigado. Fechado num mutismo feroz, era o pigmeu a desafiar o gigante. Trazia fora de luta sem tréguas a revolta daquele espírito de ferro, metido num corpo que a vida ia dobrando a pouco e pouco. Aferrado a uma ideia fixa, apenas deixava cair da sua boca irónicamente risonha, aquela frase marcada no seu íntimo como resposta suprema. Não me encontrarás, maldito!

Toda a noite o mar em fúria, bramira, num extertor agónico o seu sensualismo furibundo, a sua ânsia de posse que apenas se satisfazia destruindo, esmagando e sepultando.

E quando a alva deitou seu triste olhar por entre o manto da tristeza plúmbea que o céu estendia como mortalha sobre a terra, o Ti-Jerónimo, fiel ao seu pensamento, despedia-se de mansinho, desligava-se da terra má que o criara e voava às regiões desconhecidas do Além.

No dia seguinte por entre o ribombar da trovoadas, o cair impiedoso da chuva, o troar arrojado do mar, Ti-Jerónimo era levado à sua última morada aos ombros de velhos amigos, de dilectos discípulos a quem ensinara os segredos da arte de pescar.

Terminara a sua caminhada pelo mundo. Jamais o mar o havia de importuná-lo. Jamais o seu coração tremeria pela sorte daqueles que se confiavam às ondas. Jamais o Ti-Jerónimo desafiaria à noite, enquanto uns cavacos ardiam na lareira, as contas dum rosário, pelos amigos e inimigos companheiros da mesma dura vida, para sempre sepultados na vastidão tumular do oceano.

Ao abrir-se o caixão no cemitério para o último adeus, o Ti-Jerónimo velho como ele, companheiro de dezenas de anos, com os olhos aguados, não se teve que não comentasse: —

«Dianho do home, parece que inda se está a rir p'ra gente».

O mar atacava agora com todo o praver sobrehumano da sua bravura. Mais um esforço e a casa do Ti-Jerónimo seria derrubada como as outras. Mais um abraço do mar e seria sepultada para sempre no abismo, ao lado de outras que já iam já desfeitas e despedaçadas.

A tarde cinzenta e agreste de inverno, tornava mais sinistra a tarefa sangrenta do mar.

Num acorde final de esforço supremo, quatro vagas gigantescas se destacam da mole imensa e compacta do oceano. Ao primeiro embate, a casa estremece como robusto roble que a tempestade pretende arrancar pela raiz. Ao segundo, portas e janelas abrem-se como por encanto. E o mar, triunfante mais uma vez, levanta pelos caboucos, inunda e invade por todas as fendas, abana com facilidade de in-pensionante, o que restava dum lar. O lar do Ti-Jerónimo.

Sómente na sombra e no silêncio, na mela escuridão em que a casa se encontrava, parecia ouvir-se distintamente como gargalhada sarcástica de vitória, a obstinada e triunfante ideia do velho lobo do mar. Não me encontrarás, maldito!

A essa mesma hora, a terra guardava no seio em descanso eterno o corpo do Ti-Jerónimo. E o sorriso que a tampa do caixão escondia, rezava ainda a mesma litania de vitória. Não me encontrarás, maldito!

Porto, Inverno, de 1953

Manual Laranjeira. (Nato)

O Laminho Percorrido

Continuação da 1.ª página

Todo este longo caminho de vinte e cinco anos terá sido percorrido sem um único equívoco, sem o mais ligeiro desacerato? Certamente que não, pois errar é próprio dos homens, e a perfeição é atributo divino. A obra levada a cabo por «Defesa de Espinho», ergue-se, porém, muito acima de qualquer senão, e na chama bairrista que a tem animado, devem queimar-se as malquerenças e as mesquinhas questúnculas, o que importa é essa bandeira desfraldada e essa espada de bom aço que se agitam e se manejam em defesa da «sua dama».

Oxalá todos os espinhenses saibam apreciar, na justa medida, o esforço e a boa vontade requeridos para que a «Defesa de Espinho» se venha publicando desde há vinte e cinco anos. Se assim for, longa vida se poderá profetizar, então, a este denodado paladino dos interesses da bela praia nortenha e uma das vilas mais progressivas de Portugal.

'O Problema da Habitação'